

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Ana Clara Fernandes Marques

O ENSINO DA SOCIOLOGIA EM ESCOLA PÚBLICA PERIFÉRICA, ATRAVÉS DO RAP

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Luiz Flávio Neubert

Juiz de Fora4

2022

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **ANA CLARA FERNANDES MARQUES**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202072004A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **O ENSINO DA SOCIOLOGIA EM ESCOLA PÚBLICA PERIFÉRICA, ATRAVÉS DO RAP**, desenvolvido durante o período de 18 de abril de 2022 a 29 de julho de 2022 sob a orientação de LUIZ FLÁVIO NEUBERT, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Ana Clara Fernandes Marques

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

O ENSINO DA SOCIOLOGIA EM ESCOLA PÚBLICA PERIFÉRICA, ATRAVÉS DO RAP

Ana Clara Fernandes Marques¹

RESUMO

O Rap é envolve o mestre de cerimônia (MC), que faz as letras e o Disk Jockey (DJ), que faz o beat, que são elementos da cultura *Hip Hop*, que desde seu início está inserido na periférica, tanto que as letras de rap aborda temas voltados a vida destas pessoas, os problemas sociais que enfrentam diariamente. A disciplina de Sociologia, envolve antropologia, sociologia e ciências políticas, no qual aborda questões sociais, que envolve a vida do indivíduo e o meio ao seu redor. O ensino da sociologia brasileira nas escolas públicas periféricas com o rap, seria uma forma de aproximar os alunos dos conteúdos, como representatividade e incentivo escolar. Com isso é proposto relacionar das letras de rap aos temas abordados pela sociologia, como “Família e Parentesco”, “Gênero e Sexualidade”, “Raça, Etnia e Estratificação Social”, “Trabalho”, “Questões Políticas” e “Religião”, entre os rappers estão Racionais MC’s, Criolo, Emicida, Triz, Puro Suco, Sant e Rincon.

PALAVRAS CHAVES: Rap, sociologia, representatividade, alunos e periferia.

1 - INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o intuito de reunir as questões sociais abordadas na disciplina de sociologia, com as questões sociais, apresentadas nas letras de rap. A disciplina sociologia, envolve assuntos da sociologia, antropologia e ciências políticas, e no Brasil foi inserida no Ensino Médio, junto com a disciplina de Filosofia, no eixo curricular das disciplinas de Ciências Humanas e suas Tecnologias, e tem o intuito de criar cidadãos com visão social das coisas que ocorre com si e com a sociedade a sua volta, as mudanças sociais, econômicas, psicológica e conhecimento do direito (Ciências Humanas e suas Tecnologias).

O rap desde que foi criado envolve principalmente a periferia e expressa as questões sociais que ocorrem com o indivíduo da comunidade, em questões raciais, gênero, família, ambiente, trabalho, dificuldades, preconceito, discriminação, dificuldades econômicas, fome, os espaços que lhes são permitidos, desafios diários, lutas sociais e o lugar que ele quer chegar.

Portanto, “Ao analisarmos a história do hip-hop no Brasil e a trajetória dos ícones dessa modalidade cultural, percebemos sua complexidade cultural e social. Compreendemos que o rap faz parte do universo simbólico dos jovens das periferias, cujas lideranças – figuradas pelos rappers – é que dão sentido às suas existências.” (FERNANDES, et al., 2016, p. 196). Ele tem muitos pontos próximos aos assuntos tratados pela sociologia e ele é uma forma de aproximação do conteúdo as realidades vivenciadas pelos jovens de periferia, além de ser uma forma dos alunos se sentirem representados e motivados a continuar indo à escola.

2 – ENSINO DA SOCIOLOGIA EM ESCOLAS PÚBLICAS

O ensino da Sociologia, está incluído no eixo de Ciências Humanas e suas Tecnologias, no qual envolve, não apenas a sociologia, como também a Antropologia e Ciência Política, ou seja, é ensinado os eixos de Ciências Sociais. Isso é algo presente nas disciplinas de Ciências Humanas e suas Tecnologias, pois elas abordam outros conhecimentos da área, que são importantes para o ensino médio e para a formação de um cidadão, no qual deve ser englobado “(...) conhecimentos de Antropologia, Política, Direito, Economia e Psicologia (...) são indispensáveis à formação básica do cidadão, seja no que diz respeito aos principais conceitos e métodos com que operam, seja no que diz respeito a situações concretas do cotidiano social (...) (Ciências Humanas e suas Tecnologias, p. 4).

De acordo com a Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio, o conteúdo de Ciências Sociais é ensinado de forma que os alunos tenham uma visão sobre as mudanças sociais, econômicas e políticas, dos séculos XVIII e XIX. E sua importância na “(...) relação entre indivíduo e sociedade, a partir da influência da ação individual sobre os processos sociais, bem como a importância do processo inverso, e a dinâmica social, pautada em processos que envolvem, ao mesmo tempo, porém em gradações variadas, a manutenção da ordem ou, por outro lado, a mudança social.” (Ciências Humanas e suas Tecnologias, p. 36) e a compreender a complexidade da realidade social, de forma crítica e fora do senso comum.

Para desenvolver estas ideias sociológicas nos alunos, as “Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Ciências Humanas e suas Tecnologia”, abordam que os professores normalmente vão para dois pontos, uma é sobre a “*História da Sociologia*”, que envolve Durkheim, Max Weber e Marx, mas isso causa um “*vazio teórico*”, pois a disciplina vai além disso e por ter outros autores, até mesmo anteriores a alguns deles, como a Flora Tristan, que abordava muito a questão operária, assim como Marx. Enquanto a outra linha “*Introdução à Sociologia*”, no qual envolve a definição, objeto, tema ou conceito que é bem parecida com a linha metodológica,

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: ana.clara12579@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Luiz Flávio Neubert.

recomendada na “Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Ciências Humanas e suas Tecnologias”, que envolvem os *conceitos*, que abrange a realidade concreta, suas histórias, as ações sociais e vai além do senso comum; os *temas*, que pode ser dado através de debates; e *teorias*, que normalmente é utilizada pela Secretaria de Educação, no qual pode abordar as clássicas ou modernas, e também é abordado sobre os recursos de ensinar o conteúdo. Uma das estruturas para os professores darem suas aulas é o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), no qual são disponibilizados livros didáticos e literários para escolas públicas e para as instituições de educação infantil, que são conveniadas e sem fins econômicos.

Dessa forma, o ensino da sociologia nas escolas ganha relevo na medida em que compõe o eixo das ciências humanas ao lado da antropologia e a ciência política. Pode-se considerar que sua interdisciplinaridade permite que o cidadão tenha ciência do seu lugar no meio social e sua influência no coletivo bem como o quanto é influenciado por fatores sociais presentes no cotidiano. Diversos são os métodos que podem ser utilizados para ministrar o conteúdo da sociologia, ressaltando nesse trabalho o Rap como método pertinente e eficaz do qual traduz a realidade impregnada do teor social do qual o indivíduo convive trazendo a baía uma identificação humanizada e profunda sobre as diversas questões abordadas na sociologia.

3 - O RAP COMO FORMA DE ENSINO E REPRESENTATIVIDADE

O rap faz parte do Movimento *Hip Hop*, que teve início no South Bronx, em Nova York, EUA. Em 1960, na Jamaica, tinham costumes de bailes e sound-systems, no qual estava a população oprimida e usava o lugar de certa forma para denunciar e fazer críticas sociais. Na década de 70, por causa da crise social jamaicana, vários tentaram ir para os Estados Unidos da América (EUA). Com isso na década de 70, os jamaicanos levaram para o Bronx as festas de rua, uma das imagens principais foi o Afrika Bambaataa, com isso ocorre o surgimento do Movimento *Hip Hop*. Nele tem quatro elementos, o Mestre de Cerimônia (MC), que é o que recita as músicas, os Disk Jockey (DJ), que faz o beat, Break, são as pessoas que dançam e o graffiti, que está presente nas artes plásticas e pixação. O rap significa *Rhythm and Poetry*, ou seja, Rima e Poesia, nele ocorre a junção dos MC com o DJ (GANHOR, 2019).

No Brasil o Movimento *Hip Hop*, chega na década de 80, em São Paulo, com os dançarinos de Break nas galerias. O rap chega em São Paulo e o rap nacional se diferencia em três fases, a primeira, (...) e se mostra mais comprometido ideologicamente com as causas sociais e denuncia a situação social de abandono do jovem afrodescendente. (FERNANDES, et al., 2016, p. 185).

Ganhor (2019) mostra que a Educação Científica e Tecnológica, nas periferias urbanas, podem ter uma abordagem de aproximação das práticas culturais e educativas do ensino, pois o contexto social, tem diversas relações aos conhecimentos científicos e tecnológicos. A partir disso ele aborda como o Rap, tem diversos elementos, que configuram e incorporam socialmente, a Educação Científica e Tecnológica, além de ser uma forma de identificação coletiva e de representatividade.

O filme "Escritores da Liberdade" (2007), foi inspirado na professora Erin Gruwell, que em 1969, estimulou seus alunos a escreverem diários sobre suas vidas, no qual se transformou posteriormente no livro "Diário dos Escritores da Liberdade" (1999). Mostra o quanto os alunos se sentiram representados e ouvidos, e o quanto isso contribuiu para continuarem em seu caminho de formação. Nas periferias brasileiras, se tem uma grande massa de jovens que ouvem rap por assim se sentem representados, por abordarem assuntos do seu cotidiano. Como Dayrell (2002) discorre:

Podemos entender a postura desses jovens como uma recusa das condições que a sociedade lhes oferece para sua inserção social. Por intermédio da música, experimentam a possibilidade de uma atividade com sentido e não querem aceitar a sujeição às alternativas que lhes são postas. Dessa forma, o trabalho não constitui fonte de expressividade. Reduz-se a uma obrigação necessária para uma sobrevivência mínima, perdendo os elementos de uma formação humana que derivavam de uma cultura que se organizava em torno do trabalho (...) A maioria deles foi excluída da escola nos mais variados estágios e, grande parte, antes de completar o ensino fundamental, com uma trajetória marcada por repetências, evasões esporádicas e retornos, até a exclusão definitiva (...). (DAYRELL, Juarez, 2002, p. 122).

O filme "Escritores da Liberdade" (2007), mostrou o quanto muitas vezes os alunos são julgados por alguns professores, que já desistiram de passar alguns conteúdos, por encarem que eles não são capazes. Com isso as vezes o que falta é mudar a forma de abordar o conteúdo.

A construção de auto-imagens, como a de "mau aluno", ou as reprovações são alguns dos mecanismos internos à organização escolar que terminam por levá-los à exclusão. A forma como muitos deles elaboram a saída da escola é marcada pela culpa e pelo arrependimento: consideram-se os únicos responsáveis pela falta de qualificação na qual se encontram

atualmente. Não levam em conta os mecanismos sociais perversos que interferiram nas suas escolhas, com um sentimento de culpa que tende a minar a auto-estima. (DAYRELL, Juarez, 2002, p. 123).

Para demonstrar melhor este meio, há diversos relatos, que demonstram o quanto o incentivo escolar é importante, como o de João, de 22 anos, que foi excluído da escola na 5ª série do ensino fundamental, no qual a escola não o envolvia de acordo com as suas necessidades e interesses, e tinha a visão de que ele era um mal aluno, durante este percurso acadêmico, apenas uma professora o marcou, pois enviou um bilhete para sua mãe, falando que ele não era um moleque, para ele hoje em dia tem um marco a falta do diploma, no qual afeta a sua autoestima. Apesar do meio acadêmico ele tinha necessidade e desejo de trabalhar, tanto que faz bicos desde os 13 anos e o que realmente tem um papel importante na sua vida é o Rap, pois está ligado aos seus valores, projetos, estilo de vida e visão de mundo. Ele faz parte de um grupo de Rap, no qual sente confiança e que pode contar uns com os outros, tem liberdade de conversar e ocorre uma identidade coletiva (DAYRELL, Juarez, 2003). Este relato mostra o quanto a falta de um incentivo escolar, afeta e o quanto se o Rap estivesse vinculado à educação, poderia ser uma forma de continuidade acadêmica. Dessa forma, observa-se que:

O quadro de exclusão escolar, para os autores, é possível de ser revertido à medida que seja oferecido ao aluno um conhecimento relevante do ponto de vista cultural, econômico, político e ideológico, que será responsável por promover uma identificação dos jovens com a escola e uma atribuição de sentido à escolarização. O jovem precisa entender a escola como uma instituição parceira da comunidade, na qual sua identidade e os conhecimentos construídos nas experiências coletivas poderão ser preservados (...) fundamental que a escola estabeleça um diálogo com a comunidade e que a pedagogia e ações didáticas tenham como base o vínculo com a cultura local, sem pretender substituí-las pela cultura dominante, responsável pelas exclusões escolares vividas pelos jovens urbanos (FERNANDES, et al., 2016, p. 189).

Assim a história do rap também está nas periferias, no qual faz denúncias de questões sociais do lugar em que vivem e os preconceitos sofridos diariamente. Com isso o rap pode ser trabalhado na disciplina de Sociologia, por tratar questões sociais presentes nos principais temas da sociologia, além de ser uma forma dos alunos se sentirem representados, incluídos e motivados para permanecerem no ambiente escolar, e diminuir o sentimento de exclusão e marginalização, como ocorreu no já citado filme “Escritores da Liberdade”.

4- FAMÍLIA E PARENTESCO

O tema Família e Parentesco é importante ser abordado nas aulas de sociologia, para que se possa ter mais liberdade de dialogar com a estrutura familiar, o que os alunos passam, ou seja, a base familiar deles, já que a primeira socialização da criança é a família, por isso é a instituição social que mais influência e causa impacto na sociedade (OLIVEIRA; COSTA, 2016). Neste capítulo a música do Sant “O que separa os homens dos meninos”, será utilizada para dialogar com o tema, já que nela ele aborda a realidade dele, em uma estrutura familiar no qual os pais se divorciaram e o pai é alguém que ele só vê as vezes, uma realidade de muitos Brasileiros de acordo com IBGE 2010, no qual a maior parte das crianças são criadas só por uma pessoa, e ele também aborda a visão de uma criança que acha que amigos de escola e baile são parentes.

Explica o que é divórcio pra uma criança de três ano/
Sem rumo e sem plano/ Minha família é a minha coroa, se tu entende o que eu tô falando/
Meu pai só vem aqui de vez em quando/
Mas pelo menos aparece, por isso mesmo eu não reclamo/
Sem rumo e sem dano, só que é foda ver/
Que só chapado ou culpado que ele me diz: Eu te amo (...)
Isso é exatamente o que separa os homens dos meninos/
Normal no meu convívio é crescer sem pai, óh que triste/
Nóiz no rap preza a família, mas a nossa de sangue não existe/
Não sou daqui, mente é Plutão, coração Faixa de Gaza/
Já viu alguém pedir licença pra entrar na própria casa? (...)
Pra mostrar que quando se é jovem amigo de escola é parente/
Qualquer amigo de baile é parente, teus parente tu vê diferente/
Muitas mulheres, poucos amores, minha guia até arrebitou/
Sou a cara de meu pai, vou morrer sozinho com o meu rancor (...)
Teu sofrimento não é nada comparado a o que você herda/
Criança que se autodeserda antes do corte umbilical/
Nascimento? Erro de cálculo, ninguém sabe o que é Natal/
Mas não me olha assim (...). (SANT, 2015)

Nesta música podem ser abordados alguns questionamentos em forma de diálogo com os alunos, para saber até que ponto eles entendem do assunto e quantos já passaram por algo parecido, após envolver o conteúdo. Os questionamentos podem ser “O que é família?”, “Qual é a construção familiar presente na música?”, “O que é parente?” e “O que ela aborda é algo recorrente no Brasil?”. De acordo com Giddens (2008) “Uma Família é um grupo de pessoas unidas diretamente (sic) por laços de parentesco, no qual os adultos assumem a responsabilidade de cuidar das crianças.” (GIDDENS, 2008, p. 175). Existem vários tipos de família, entre eles

estão a Família Anaparental, no qual não ocorre a presença de pais (BRITO, 2013), tem a família nuclear, que envolve marido, mulher e filhos biológicos ou adotados, no qual está relacionado com a monogamia, que inclusive é a mais presente na sociedade ocidental, já que a poligamia é ilegal, nela tem a poliginia, um homem casado com várias mulheres, como é o caso de algumas sociedades mulçumanas e a poliandria, uma mulher com mais de um homem, está é menos comum e ocorre em algumas regiões do continente africano. (GIDDENS, 2008; OLIVEIRA; COSTA, 2016).

No Brasil, a família está se renovando o conceito, mas existe disputas de correntes conservadoras com o mantimento da concepção hegemônica, da heteronormatividade com procriação, e as correntes liberais com arranjos familiares diferentes, como a questão conjugal e a filiação de casais homossexuais, no qual o Supremo Tribunal Federal (STF), em 2011 reconheceu a união estável de casais homoafetivos. A questão de ser considerada família, envolve até mesmo programas do governo, como o Bolsa Família e a Estratégia Saúde da Família (ESF) (VARGAS, 2021). Além disso na sociedade brasileira como é abordado na música muitas vezes as crianças são cuidadas com apenas um dos pais presente, como mostra o Censo Demográfico do IBGE em 2010, 22,7% dos casais tem filhos, 23,8% dos casais não têm filhos e 87,4% responsável sem cônjuge com filho(s), ou seja, o índice para crianças criadas apenas com um dos pais é alto. A estrutura da família contemporânea traz um modelo de família diferente e até mesmo o de cuidado, de acordo com Scavone:

Entre o modelo reduzido de maternidade com uma variedade crescente de tipos de mães (mães donas-de-casa, mães chefes-de-família, mães “produção independente”, casais “igualitários”) e as diversas soluções encontradas para os cuidados das crianças (escolas com tempo integral, creches públicas, babás, escolinhas especializadas, vizinhas que dão uma olhadinha, crianças entregues a seus próprios cuidados, avós solícitos), a maternidade vai se transformando, seguindo tanto as pressões demográficas, natalistas ou controlistas, como as diferentes pressões feministas e os desejos de cada mulher (...) É o modelo de proles reduzidas; mulheres com carreiras profissionais; mães e pais, juntos e/ou separados, produzindo e reproduzindo; casais hetero e homossexuais; mães ou pais criando seus filhos sozinhos; institucionalização dos cuidados maternos por profissionais especializados (...). (SCAVONE, 2001, p. 149).

O parentesco "(...) são relações entre indivíduos estabelecidas através do casamento ou por meio de linhas de descendência que ligam familiares consanguíneos" (GIDDENS, 2008, p. 175). Ele pode ser matrilinear, no qual os papéis das mulheres determinam a família e patrilinear no qual as relações são determinadas pela figura paterna. (OLIVEIRA; COSTA, 2016).

Dessa forma, conclui-se que o conceito de família e parentesco sofre variantes em seus termos seja pela regionalidade seja pela concepção de uma determinada cultura, embora o significado tenha um núcleo que remete aos laços de consanguinidade e afinidade, que podem ser formados por membros do mesmo sexo ou diverso, basta que haja familiaridade e significância nos laços construídos; um ponto em comum é que o tema pode ser abordado em sala de aula através de diversas metodologias, em especial a do Rap, como tratado no presente trabalho, como forma de contextualizar os conceitos supracitados bem como suas interações no meio social do indivíduo na sala de aula.

5 – GÊNERO E SEXUALIDADE

O tema “Gênero e Sexualidade” é importante para ser tratado em sala de aula e muitas vezes é deixado de lado com medo do que os pais ou responsáveis irão pensar. É de suma importância o tema ser discutido na sociologia, para que os alunos tenham liberdade de mostrar o senso comum deles e os professores virem com as informações adequadas. No Brasil a educação sexual começou a ser divulgada em 1930 e 1960, o assunto foi efetivado nas escolas do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte e em 1997, com os Parâmetros Curriculares Nacionais, o governo federal estabeleceu a educação sexual nas escolas brasileiras (RIBEIRO; MONTEIRO, 2019).

Em cima da música “Elevação Mental” de Triz, pode ser observado diversas referências sobre “Gênero e Sexualidade”, tanto que logo no início da música é discorrido “Eu to aqui pra representar o Rap Nacional/ E eu peço que respeitem a minha identidade de gênero, demorou?”, a partir disso pode-se questionar aos alunos: “O que é gênero?”, “Gênero e sexo biológico são a mesma coisa?” e “O que é identidade de gênero?”.

O gênero é “(...) construção social que demarca identidades, como homens, mulheres e de outros gêneros, como elaborações do contexto histórico e social, e não decorrentes simplesmente da diferença anatômica dos corpos” (OLIVEIRA; COSTA, 2016, p. 339). O gênero não tem a ver com o sexo biológico, já que este é determinado por questões físicas e biológicas, como os órgãos e hormônios das pessoas (OLIVEIRA; COSTA, 2016). Muitas vezes ele é confundido com gênero e as pessoas impõe o que é ser mulher e o que é ser homem,

por padrões culturais, impostos desde a descoberta do sexo do bebê, no qual é estabelecido as cores que irão usar, quais brinquedos terão, quais atitudes devem ter, entre outras coisas, já estabelecendo como o bebê deve ser e como deve ser criado. A identidade de gênero está ligada com qual gênero a pessoa se sente bem e representada. Nela existem as pessoas cisgênero, que se identificam com o sexo imposto no nascimento; transsexuais são pessoas que se identificam com o sexo oposto determinado no nascimento; e não-binárias, que não se identificam com o gênero feminino e nem o masculino.

É tanta arrogância, tanta prepotência/ A sanidade tá escassa no mundo das aparências/ Não se cale jamais diante do opressor/ Não deixe que o sistema acabe com seu amor (...) Falando dos preconceitos sofridos no dia a dia/ (...) Vários preconceituoso sem respeito e sem visão (...) muita alienação (...) mano é gay, o que importa é o coração/ E eu já me liguei como funciona o preconceito (...) O preconceito não te leva a nada/ Não seja mais um babaca de mente fechada/ Por que o ódio mata, mas o amor sara/ De qual lado cê vai ficar?/ Brasil, país que mais mata pessoas trans/ Espero que a estatística não suba amanhã/ Me diz, por que o jeito de alguém te incomoda? (...) É meu corpo, e a minha história/ E sobre a minha carne, cê não tem autoridade/ Não seja mais um covarde, de zero mentalidade/ Seja inteligente, abra a sua mente/ O mundo é de todos, não seja prepotente/ Seja gay, seja trans, negro ou oriental/ Coração que pulsa no peito é de igual pra igual/ (...) Zé povinho falou: Vai fazer a sobancelha/ Dar um trato no cabelo e mudar sua aparência/ Eu acho que é mulher, eu acho que é um homem/ Eu acho que cê tem que vestir esse uniforme (...) O que cê acha de mim, num importa irmão/ Que diferente de você, eu tenho educação/ Não tenho obrigação de dar satisfação/ Mas aqui, cê tá ligado que é pura informação/ E pra quem quer saber, o meu gênero é neutro/ Cê não precisa entender, só precisar ter respeito/ Você não ganha nada sendo um atrasa-lado/ Seu conservadorismo já tá ultrapassado/ Cê quis me derrubar ainda dando risada/ Mas a luz da minha luta sua bala não apaga/ Você me insultou julgando minha aparência/ Só se esqueceu de ver o brilho da minha essência/ /Falou do meu cabelo, meu dente separado (...). (TRIZ, 2017).

Neste trecho da música pode ser questionado para os alunos “Qual é este sistema e pessoas opressoras, agorentes? São as pessoas preconceituosas?”, “Qual é este preconceito sofrido no diariamente?”, “Por que o ódio mata?”, “Até quando o Brasil será o país que mais mata pessoas trans” e por quê isso ocorre?”, “O que é este julgamento que Triz traz que a sociedade tem da aparência?”. Triz apresenta na música o julgamento que as pessoas têm por pessoas gays, transsexuais, negros e orientais muitas vezes de forma opressora, violenta, arrogante, entre outros, no qual ocorre o preconceito, que é o prejudicamento da pessoa sem o conhecer, simplesmente por serem diferentes do padrão estabelecido, principalmente os padrões ocidentais, ou seja, brancos, loiros, magros e de preferência heteronormativo – apenas sexo masculino e feminino, com comportamento social de acordo com seu gênero, reproduzir –, no qual envolve o patriarcado e o conservadorismo. E estes preconceitos, discriminações e violências de pessoas homossexuais é a homofobia, de pessoas trans é a transfobia, de pessoas negras o racismo, entre outros. Durante a música é exposto principalmente o preconceito sofrido diariamente por pessoas da comunidade LGBTQIA+, tanto que traz a informação “(...) mano é gay, o que importa é o coração (...) Por que o ódio mata, mas o amor sara (...) Brasil, país que mais mata pessoas trans/ Espero que a estatística não suba amanhã” (TRIZ, 2017).

Como falado acima pessoas trans são pessoas que não se reconhecem com o sexo biológico lhes imposto no nascimento e a comunidade LGBTQIA+, cada sigla representa uma grupo de pessoas, antes de falar sobre ele, é importante explicar o que é orientação sexual, que é por qual gênero e por quem a pessoa sente atração física e sexual, ela tem diversos denominações de representação de acordo com a que se identifica, entre elas estão os heterossexuais, que são as pessoas que sentem atração por pessoas do gênero oposto; homossexuais, que são as pessoas que sentem atração por pessoas do mesmo gênero, como as lésbicas e os gays; bissexuais, que são pessoas que sentem atração por pessoas do gênero feminino e masculino; assexual, que são pessoas que não sentem atração por nenhum gênero; entre outros, no qual nenhuma destas denominações são escolhas do indivíduo, por isso é orientação. Na sigla LGBTQUIA+, cada letra tem um significado, L de lésbicas, G de gay, B de bissexual, T de trans – transgênero, transexuais e travesti -, Q de queer e questionado, I de intersexo, A de assexuais, arromânticas e agênero, e o + que envolve mais, que inclui todos os outros. Na sigla LGBTQIAPN+, inclui os pansexuais e poli – polisssexuais e polirromânticas – e existem diversas outras siglas e alternativas inclusivas. (ORIENTANDO).

O preconceito e discriminação sofridos pelas pessoas desta comunidade é gritante, por isso que Triz traz na música que “Por que o ódio mata, mas o amor sara” (TRIZ, 2017), já que só o amor pode mudar isso e ser uma fonte de apoio e amor, amor até mesmo da própria família, pois se tem casos de pais que expulsam seus filhos de casa após se assumirem e alguns chegam a matar seus filhos, que já sofrem muito com a violência da própria

sociedade. A ONU apresentou dados da Transgender Europe (TGEU), no qual mostra que o Brasil é o país que mais mata pessoas transsexuais e travestis do mundo, tanto que de janeiro de 2008 a março de 2014, 604 pessoas trans morreram, estes são apenas os dados registrados. Em 2012 a Secretaria de Direitos Humanos, mostrou que o governo federal registrou dez mil denúncias de violação dos direitos das pessoas LGBTQIA+ e apresenta que o Brasil ainda não tem leis que criminalizam a homofobia e transfobia (há decisões do STF no sentido de se aplicar a lei do racismo em face de tais crimes) (ONU MULHERES BRASIL, 2016). Este assunto é tão sério, que apenas em 1990 a homossexualidade é retirada lista de doenças, pela a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a troca do sufixo -ISMO, que foi criado por médicos do século XIX, para referir a doença, por -IDADE, que remete identidade humana e expressão, apenas em 2011, o Supremo Tribunal Federal, reconheceu a união estável de homossexuais e depois de muita luta as pessoas trans conseguiram a mudança do nome social e dos direitos civis, com o movimento transfeminismo, no qual luta pelas reivindicações das mulheres transgêneras (OLIVEIRA; COSTA, 2016), mas ainda enfrentam muitas lutas. Ocorre datas importantes, como o dia 28 de junho, que é o dia internacional do Orgulho LGBTQ+, no qual ocorreu a Revolta de Stonewall em 1969, dia 31 de março, que é o dia internacional da Visibilidade Transgênero, a Parada Gay, entre outros. (OLIVEIRA; COSTA, 2016).

No rap Triz traz também sobre a questão da aparência, além do sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual, tem a expressão de gênero, que envolve roupa, corte de cabelo, unhas, entre outras coisas, que faz a pessoa se sentir bem e se expressar, isso não define o gênero, das pessoas, apesar da sociedade, sempre tentar dizer o que é “ser homem” e o que é “ser mulher”, como devem se vestir e se comportar. E a partir disso discutir o que ocorre com as mulheres, no qual está sendo tratado na música Poetisas no Topo 2 (2019).

(...) esses cara que não assume suas responsa/ E não chega nem com uma lata de leite/ Clarinha saiu da maternidade sem registro (...) Meu texto era uma febre, Deus me julga na postura/ Ninguém vai na tua goma saber se falta mistura/ A mão balança o berço, reza o terço, faz a hora/ Também liga trinta vezes caso esteja preocupada/ Se tem um pressentimento, vai te pedir pra ir embora/ Se precisar, te busca no pico de madrugada/ Antes era cozinha, mal era alfabetizada/ A liberdade a ela muito tempo foi negada/ Uma mulher na estrada, uma mulher na estrada/ Pra calar o seu psiu ela partiu/ Só que dessa vez da faculdade pra balada/ Ó pátria amada de filhos abandonados/ Mulheres e mães solteiras vivendo como tem dado/ Ó pátria armada, fruto do patriarcado/ Que quer defender o ventre e não o corpo violado/ Em nome da mãe, da vó, da tia (...). (STEFANI; WINNIT, Poetisas no Topo 2, 2019)

Nestes trechos, pode ser discutido sobre o que ocorre com as mulheres, no qual pode ser questionado “Como que as mulheres eram tratadas antigamente?”, “O que é patriarcado?”, “Por que muitas mulheres são mães solteiras e o pai não assume a responsabilidade de ter um filho?”, “Qual é esta violência que as mulheres sofrem?”. Como é apresentado na música no antigamente os papéis estabelecidos pela sociedade, podiam ser separados entre públicos e privados, no qual os privados eram destinados as mulheres, onde era mais voltado aos cuidados da casa e os públicos eram destinados ao homem, no qual envolvia trabalhos fora de casa. Durante muito tempo só os homens podiam frequentar a escola, pois seus trabalhos eram voltados a casa e ensinado em casa, depois de um tempo puderam frequentar só os primeiros anos e com o passar do tempo, de pouquinho a pouquinho foram conseguindo com muita luta chegar nestes espaços de ensino como a faculdade. As mulheres durante muito tempo foram vistas apenas como reprodutoras e “cuidar” dos serviços domésticos, filhos, maridos e em alguns casos até da família do marido ou de alguém doente, ou seja, eram vistas com trabalhos voltados para o cuidado e a reprodução de filhos. Isso por muito tempo permaneceu atualmente, no qual desde criança a elas eram destinados brinquedos como casinha, boneca, enfermeira, mini vassoura e rodo, entre outros, reforçando o papel do cuidado com a casa e como os outros, enquanto os meninos ganhavam carrinho, avião, brinquedos voltados a construção e projetos científicos. Além disso se tinham as cores “de menina” e “de menino”.

Com o tempo a mulher começou a ocupar os cargos públicos também, que seriam os de trabalhar fora de casa, isso ocorreu principalmente com a Revolução Industrial e com as Guerras Mundiais, durante a escravidão no Brasil as mulheres trabalhavam em serviços pesados igual os homens, em 1820, 23% das escravas eram mulheres e em 1880 esta porcentagem foi para 44% e depois da Abolição da Escravidão elas estavam presente no comercio ambulante, outro exemplo é na indústria, no qual a mão de obra feminina estava presente principalmente na tecelagem, no qual já recebiam menos que os homens e isso ainda ocorre nos dias atuais em diversos lugares (BOMENY, et al., 2013), além de a mulher ter mais de uma jornada de trabalho, já que trabalha e ainda tem que cuidar da casa e das pessoas ao seu redor. Na questão do patriarcado, ou seja, poder dos homens em cima das mulheres, no Brasil até 1960 o marido podia impedir sua esposa de trabalhar, no Código Civil de 1917 o marido era visto como chefe de família, mas com a Lei 4.121/1962 e com a Constituição de 1988, muitas questões foram mudadas e instituiu a igualdade, no entanto isso ainda não está concretizado. (BOMENY, et al.,

2013). O papel das mulheres na sociedade vem sendo discutido desde a Revolução Francesa e muitos direitos foram conquistados através do movimento feminista (OLIVEIRA; COSTA, 2016).

Além de tudo isso, a mulher sofre diversos tipos de agressões, dentre eles estão presentes física, sexual, psicológica e moral, após muita luta ocorre a conquista da Lei 11.340/2006, a Lei Maria da Penha, no qual envolve a violência doméstica sofrida pelas mulheres, ela ocorreu em homenagem a Maria da Penha Maia Fernandes, que teve duas tentativas de assassinato envolvendo seu marido e que a deixou paraplégica, esta tentativa de assassinato, está voltada para o feminicídio, que envolve o assassinato de pessoas do sexo feminino, por causa do gênero, presente na lei nº 13.104/2015 (OLIVEIRA; COSTA, 2016).

Como está presente na música, muitas mulheres são mães solo e muitas vezes o pai não assume a responsabilidade, nem dá as coisas básicas para a sobrevivência básica das crianças e alguns nem estão presentes no registro de seus filhos. De acordo com Giddens (2008) existe mãe solo por opção, são pessoas com recursos, mas na maior parte ocorre o contrário disso, no qual se tem um crescente número de nascimentos fora de um casamento e pontos de pobreza e exclusão social, e a expressão pai ausente dos anos 30 a década de 70 e durante a Segunda Guerra Mundial, ocorreu principalmente por causa da guerra, mas atualmente esta expressão está presente em uma separação, divórcio, vê pouco o filho, os que deixam de estar com eles ou morte. De acordo com ele cada vez mais se tem famílias sem o pai presente e isso causa problemas sociais, no qual, o homem é visto como "irresponsabilidade moral". E ocorre também um crescente dado de gestação na adolescência, além doenças sexualmente transmissíveis e da escola ser um local de formação integral, é importante ser falado sobre os métodos contraceptivos dentro da sala de aula (FIGUEIRÓ, 2009).

Contudo neste tema foi discorrido sobre sexo biológico, que é o sexo estabelecido no nascimento de acordo com os órgãos sexuais e questões internas como hormônio, identidade de gênero é o gênero que a pessoa se identifica, orientação sexual, que é por quem as pessoas sentem atração afetiva; a sigla LGBTQIA+, expressão de gênero, preconceito, violência, conquistas e lutas da comunidade LGBTQIA+ e das mulheres, como as mulheres eram tratadas antigamente, diferença de gênero, os padrões estabelecidos pela sociedade no que é "ser mulher" e "ser homem" e mãe solo. O rap como foi mostrado aborda estes conceitos e até mostra o quanto a sociedade ainda tem que evoluir, na forma que tratam a comunidade LGBTQIA+ e as mulheres, por causa da violência sofrida por ambos.

6 – RAÇA, ETNIA E ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL

O tema raça, etnia e estratificação social é tratado com os conceitos, os preconceitos e as discriminações, que a sociedade vivencia, temas que muitas músicas de rap abordam, pois envolve o dia a dia das pessoas das comunidades periféricas, como a desigualdade social, o preconceito e a discriminação que eles presenciam em diversas lojas, no quais os funcionários julgam que não podem pagar (exclusão econômica), além do racismo entre outros.

Na música "Boa esperança", do Emicida, retrata diversos assuntos importantes, que podem ser abordados em sala de aula: raça, etnia, desigualdade, preconceito e discriminação.

O tempero do mar foi lágrima de preto/ Papo reto, como esqueletos, de outro dialeto/ Só desafeto, vida de inseto, imundo/ Indenização? Fama de vagabundo/ Nação sem teto, Angola, keto, congo, soweto/ A cor de Eto'o, maioria nos gueto/ Monstro sequestro, capta três, rapta/ Violência se adapta, um dia ela volta pu cêis/ Tipo campos de concentração, prantos em vão/ Quis vida digna, estigma, indignação/ O trabalho liberta, ou não/ Com essa frase quase que os nazi, varre os judeu? Extinção (...) Tema da faculdade em que não pode por os pés/ Vocês sabem, eu sei (...) Médico salva? Não! Por que? Cor de ladrão/ Desacato invenção, maldosa intenção/ Cabulosa inversão, jornal distorção/ Meu sangue na mão dos radical cristão/ Transcendental questão, não choca opinião/ Silêncio e cara no chão, conhece?/ Perseguição se esquece?/ Tanta agressão enlouquece (EMICIDA, Boa Esperança, 2015)

Com este trecho dialoga-se com a história que ocorreu com os negros durante o período de escravidão e nos dias atuais e trata sobre o que ocorreu com os judeus na segunda guerra mundial, fazendo com que os alunos aprendam não só a sociologia bem como o conhecimento histórico. Em análise do trecho no início ocorre a referência do que ocorreu com os negros nos navios negreiros e retrata que até os dias atuais não tiveram uma indenização e sim um preconceito no qual o indivíduo e a sua cor são considerados como vagabundos e ladrões que são temas da universidade em qual poucos tem acesso, mesmo recentemente ter sido criada a cota de pessoas negras, indígenas e de escola pública ou bolsistas. O trecho também remete ao que ocorreu aos judeus no holocausto nos campos de concentração.

A partir disso pode-se trabalhar o ocorrido com os judeus e os negros com conceito de raça que principalmente após o holocausto decaiu o conceito biológico e pode-se conceituar como conjunto de relações

sociais no qual pode se localizar o indivíduo e os grupos, no qual quando atualmente se utiliza o conceito de raça para separar indivíduos e grupos é denominado como racialização (GIDDENS, 2008). A raça muitas vezes passa como sinônimo de etnia enquanto na verdade são conceitos distintos. Etnia de acordo com Giddens envolve as práticas culturais e a forma de entender o mundo. Os grupos étnicos envolvem indígenas, mulçumanos, negros, judeus entre outros, ou seja, são (...) classes sociais, grupos de status, ordens ou raças (...). As ideologias étnicas (...) forma de entendimento, manipulação, crítica e rebatimento das noções dominantes presentes sob a forma de estereótipos na esfera pública construção da etnicidade, por outro lado, implica necessariamente o confronto intercultural.” (LIMA E CASTILHO, 2010, p.233). E eles são distinguidos pela linguagem, história ou ancestralidade, religião e vestimentas (GIDDENS, 2008).

Neste trecho também pode ser trabalhado “Por que o Emicida pôs que “tema da faculdade em que não pode pôr os pés?” Por que os médicos não os salva e o atendimento ser diferente?”, “Por que é considerado cor de ladrão?” e o motivo da distorção da notícia de jornal. Em face disso tem-se o fato que apesar dos negros serem temas e disciplinas de faculdades ainda são poucos os que conseguem entrar e permanecer na faculdade. De acordo com a Universidade Federal de Juiz de Fora só 34% dos alunos de ensino superior são negros nas universidades brasileiras e relatam que diversos estudantes cotistas tem obstáculos para se formar (UFJF, 2017).

O preconceito e a discriminação estão presentes em diversas ocasiões. O preconceito é definido como “(...) opiniões partilhadas por membros de um grupo acerca de outro (...)” (GIDDENS 2008, p.252) por outro lado discriminação define-se como “(...) comportamento tido em relação a indivíduos ou grupos. (...)” (GIDDENS, 2008, p.253). No Brasil ocorre uma discriminação racial com as pessoas negras que recebem um tratamento diferente do que seria o ideal gerando uma segregação e desigualdade racial (LIMA e CASTILHO, 2010) e os jornais utilizam termos diferentes para se referir as pessoas de periferia e negras. As pessoas negras muitas vezes sofrem o preconceito racial “(...) pré-concepções das qualidades morais, intelectuais, físicas, psíquicas ou estéticas de alguém, baseadas na ideia de raça” (PIMENTA, 2010, p.148) e isso está interligado ao julgamento de “cor de ladrão” que é mencionado na música. Para demonstrar melhor este fato, tem-se os dados do IBGE, no qual em 2017, 49.524 pessoas negras ou pardas sofreram homicídio, que corresponde 43,4 %, enquanto 14.395 pessoas brancas sofreram homicídio, que corresponde 16%, ou seja, chega ser gritante a diferença, que ocorre todos os anos, como pode-se perceber as taxas de homicídios: 2016 - 45.378 pessoas negras ou pardas (40,5%) e 14.537 pessoas brancas (16,0%), 2015 – 41.592 pessoas negras ou pardas (38,1%) e 14.111 pessoas brancas (15,3%), 2014 – 41.941 pessoas negras ou pardas (39,3%) e 14.852 pessoas brancas (16,0%), 2013 - 39.169 pessoas negras ou pardas (37,0%) e 14.249 pessoas brancas (15,5%) e em 2012 – 38.755 pessoas negras ou pardas (37,2%) e 14.543 pessoas brancas (15,8%). (IBGE), ou seja, todos os anos ocorre o mesmo fato.

Para compreender melhor como os negros são tratados diariamente, pode-se trabalhar as músicas clássicas do Racionais que são símbolo de grande representatividade no segmento. A música “Em qual mentira vou acreditar”, do Racionais, é voltada diretamente ao racismo “Quem é preto como eu já tá ligado qual é Nota Fiscal, RG, polícia no pé (“Escuta aqui: o primo do cunhado do meu genro é mestiço/ Racismo não existe, comigo não tem disso/ É pra sua segurança”) / Falou, falou, deixa pra lá/ Vou escolher em qual mentira vou acreditar” (RACIONAIS MC’S).

Neste trecho pode ser debatido, o que é racismo e como são tratados no dia a dia, focando em ouvir as experiências de vida dos alunos, para poder explicar o conteúdo e lembrar que o racismo muitas vezes ocorre dentro da própria escola (FERNANDES; MARTINS; OLIVEIRA, 2016), com discriminações e bullying por causa da cor, cabelo, características físicas naturais, até mesmo pelo fato do ser humano ter uma diversidade física muito grande, já que é causada com a procriação populacional, no qual ocorre relação entre pessoas de diferentes culturas, causando diversidade de traços físicos visíveis (GIDDENS, 2008). E até mesmo questionar se entre os alunos tem pessoas que aprenderam sempre andar com os documentos e até mesmo nota fiscal, da bicicleta e o que tiver, para na revista pessoal (enquadro) infelizmente ter que comprovar que é dele e que não foi roubado invertendo assim o ônus probatório e o princípio da inocência (CF, 1988). Como ocorreu com o jovem Édrian Santos, que foi abordado em São Paulo em um lugar com vários brancos, teve que provar que a bicicleta e o celular eram dele e não roubado, “O jovem explicou que foi abordado por policiais militares, enquanto andava de bicicleta na Paulista e a justificativa da polícia teria sido que pessoas com bikes boas e bem-vestidas costumam assaltar ali. Ele teve que provar que a bicicleta e o celular eram dele.” (CESAR. Diário do Centro do Mundo, 2021). Este fato, foi o mesmo relatado pelo grupo de rap Racionais MC’s em 1997, no qual ainda ocorre até os dias atuais. A partir disso pode-se explicar sobre o racismo.

(...) Um racista é alguém que acredita que alguns indivíduos são inferiores ou superiores a outros como resultado dessas diferenças racializadas. Geralmente, pensa-se no racismo como um comportamento ou atitude própria de certos indivíduos ou grupos (...) o racismo está

imiscuído na própria estrutura e funcionamento da sociedade. A ideia de racismo institucional sugere que o racismo atravessa todas as estruturas sociais de um forma sistemática. (GIDDESN, 2008, p. 253).

A música “Eu compro” dos Racionais MC’s retrata classes sociais, estratificação, pobreza, exclusão econômica, política e social. O trecho

Olha só aquele shopping, que da hora!/ Uns moleques na frente pedindo esmola/ De pé no chão, mal vestido, sem comer/ Será que alguns que estão ali irão vencer?/ Minha ambição tá na pista, pode pá que eu encosto/ BM branca e preta, M3 com as roda cinza eu gosto/ Os nego chato no rolê de Mercedes (...) Pingente de ouro com diamante e safira/ No pescoço um cordão, os bico vê e não acredita/ Que o neguinho sem pai que insiste pode até chegar/ Entra na loja, ver uma nave zera e dizer:/ "Eu quero, eu compro e sem desconto!"/ À vista, mesmo podendo pagar/ Tenha certeza que vão desconfiar/ Pois o racismo é disfarçado há muito séculos/ Não aceita o seu status nem sua cor (RACIONAIS MC’S)

Neste trecho mostra a classe minoritária que envolve os “moleques na frente pedindo esmola/de pé no chão mal-vestido e sem comer” (RACIONAIS MC’S) já que as classes minoritárias envolvem os grupos em desvantagens e são objetos de preconceito e discriminação (GIDDENS, 2008). As desigualdades existentes entre indivíduos e grupos define-se como estratificação social, por certo que em síntese a estratificação consiste em sistema de desigualdades entre diferentes agrupamentos de pessoas. Destaca-se quatro grupos dentre desse sistema de estratificação social: a escravatura, as castas, status e as classes. Em linhas gerais classe pode ser definida como “(...) grupo grande de pessoas que partilham recursos econômicos comuns, que influenciam fortemente o seu estilo de vida (...)” (GIDDENS, 2008, p. 284). Já as castas podem ser definidas na qual se “(...) baseia na crença de que as pessoas nascem numa dada posição na hierarquia social e ritual, de acordo com a natureza das suas actividades em encarnações anteriores” (GIDDENA, 2008, p. 539).

Ao se aprofundar no conceito de classes afigura-se que a classe alta é definida como “(...) consiste numa pequena minoria de indivíduos que têm riqueza e poder, e que são capazes de transmitir os seus privilégios aos seus filhos. (...)” (GIDDENS, 2008, P 294). Por outro lado, classe média é definida como aquela que “(...) cobre um largo espectro de pessoas que trabalham em ocupações muito diferentes, desde empregados na indústria de serviços a professores e profissionais de medicina (...)” (GIDDENS, 2008, p.294 e 295), esse conceito de classe média é um dos que possui maiores diversidades em sua definição, em especial o termo “aburguesamento” que seria a “(...) prosperidade da classe trabalhadora (...)” (GIDDENS, 2008, p.297) do qual tem a premissa de que os trabalhadores na medida que ficam mais abastados ingressariam na classe média. Por fim, temos a subclasse, sendo o fundo da estrutura de classes, tendo níveis de vida mais baixos em relação às outras classes. Pode-se definir como subclasse como a classe “(...) frequentemente associada aos grupos étnicos minoritários menos privilegiados. (...)” (GIDDENS, 2008 p.299).

Ao definirmos classes não há possibilidade de se esquivar do conceito de pobreza, que em linhas gerais propõe que as pessoas que carecem do mínimo existencial (comida, abrigo e roupa) estariam em situação de pobreza. A problemática nas definições sobre a pobreza encontra-se nas necessidades humanas que não são iguais em todas as sociedades, tornando a tarefa de “medir” a pobreza algo um tanto intangível. Embora esse conceito esteja em constante mutação, alguns pontos em comum ajudam a identificar o conceito como por exemplo “(...) os membros de minorias étnicas têm uma maior probabilidade de viver em pobreza em determinado momento das suas vidas. (...)” (GIDDENS, 2008, P.317).

Em apertada síntese a exclusão social pode ser definida como “(...) as formas pelas quais os indivíduos podem ser afastados do pleno envolvimento na sociedade. (...)” (GIDDENS, 2008, P.325). A exclusão social abrange tanto a exclusão econômica quanto a política, naquela pode se dar tanto pela produção assim como pelo consumo, já nesta a participação do cidadão na política é de suma importância nos países democráticos. Por fim, os “(...) “sem abrigo” é um dos exemplos mais precisos de exclusão social. (...)” (GIDDENS, 2008, P.325) já que não há possibilidade de participar de forma igualitária no meio social em que convive as pessoas sem residência, seja permanente ou temporária.

Contudo o Emicida na música “Boa Esperança”, aborda assuntos que envolve a história do que ocorreu na escravidão e com a segunda guerra mundial, além dos problemas enfrentados pela sociedade atualmente, como o jornal olha as pessoas negras de periferias com termos diferentes aos referentes as pessoas de classe média e alta, o preconceito e discriminação que enfrentam. Completando isso Racionais Mc’s com a música “Em qual mentira vou acreditar”, mostra de forma mais aprofundado o que ocorre com as pessoas negras, o racismo que enfrentam diariamente. E a sua música “Eu compro”, abordou a desigualdade exposta, a diferença de classe e a diferença de tratamento, que envolve a exclusão econômica, política e social.

7 – TRABALHO

O tema trabalho pode ser entendido como o conjunto de atividades produzidas e criadas pelo homem, para chegar a um fim, com isso têm-se os bens, que são os produtos produzidos pelos homens e os serviços, que é o seu desenvolvimento da atividade, os bens junto com os serviços, forma a força de trabalho (DELGADO, 2017; OLIVEIRA; COSTA, 2016). O trabalho é apresentado no rap de diversas formas, desde os desafios diários enfrentados pelos trabalhadores no caminho do trabalho e no trabalho, até como forma de ganhar o pão e a busca de viver em condições financeiras melhores. Na música “Andar com fé”, de Rincon é apresentado os trabalhadores acordando cedo, pegando ônibus lotado e ganhando pouco, e mostra que este padrão está estabelecido até no ensino público.

Trabalhador vive a milhã/ Bote uma fé vai melhorar/ Sentado esperando a salvação/ É melhor não vai demorar (...) Correr, derramar todo suor/ E no final comemorar (...) Muito trampo e poucos reais (...) Preto, perfil de um suspeito/ Grana, perfil sempre aceito/ música injetando orgulho/ Se o jogo virar, bem feito ó/ De manhã acordou, mas o sol nem raiou, uma ducha gelada/ Esse é o trabalhador, tá fugindo da dor (...) Trabiá, trabiá/ Enriquecer com o dinheiro do povo/ É mó fáia, mó fáia/ Pode pá que nós vamo pegar no pé/ (...) Salário ridículo é a real que o político não viu/ O ensino público revela o trabalhador do Brasil (...) Fardo pesado, buzão lotado, longa viagem d e pé né (...) Salve todo trabalhador! (RINCON, 2013)

A partir desta música do Rincon, pode ser questionado “O que é trabalho?”, “Como que são as relações de trabalho no Brasil?”, “Quais são os direitos trabalhistas?”. No trecho Rincon ele mostra um pouco de como é diariamente a vida do trabalhador brasileiro e aborda a questão racial, no caso o racismo enraizado que temos na sociedade brasileira, que está relacionada com o que eles passaram durante e após a escravidão.

No Brasil uma das primeiras relações de trabalho noticiadas foi com o fim da lei áurea em 1988, já que até então o modelo de trabalho era tido por compulsório “(...) sendo a escravidão a principal e mais cruenta de todas. (...)” (BOMENY, et al., 2013, p. 235) sendo os indígenas uma das primeiras etnias escravizadas com a finalidade de plantar cana-de-açúcar e extrair pau-brasil. Por outro lado, os negros, embora de etnia distinta da dos indígenas, teve destino semelhante, sendo escravizados e tratados como propriedade de terceiros, geralmente senhores de engenho ou até mesmo de outros negros. Vale destacar que essa cultura escravista trouxe efeitos perniciosos no mercado de trabalho em especial “(...) saindo de uma longa tradição escravista, sem acesso aos benefícios da civilização - estudo, proteção social, preparação psicológica, educação para o mercado – o negro liberto foi jogado na sociedade competitiva sem nenhuma habilidade para competir. (...)” (BOMENY, et al., 2013, p. 238) situação essa que alcança a contemporaneidade. A escravidão é tida como a total ausência de direitos já que numa concepção jurídica o escravo era tido por objeto ou coisa.

Atualmente no Brasil o trabalho formal é “(...) aquele regulado por regras precisas: carteira assinada, número preestabelecido de horas de trabalho, salário correspondente, direito a férias e 13º salário pagamento de impostos e da contribuição para a Previdência Social com vista à aposentadoria (...)” (BOMENY, et al., 2013, p. 235). Assume importância o trabalho na medida que traduz respeito a si próprio e como elemento estruturante na constituição psicológica das pessoas tendo como finalidade o salário que “(...) que é a principal fonte de rendimento de que a maioria das pessoas depende para fazer face às suas necessidades. (...)” (GIDDENS, 2008, P.337).

As conquistas destes direitos, como férias, 13º salário, entre outros, foram através dos movimentos paretistas em determinados pontos históricos. Em especial, merece destaque as diversas manifestações que surgiram nas décadas de 20 e 30, sendo o “(...) movimento de trabalhadores que reivindicavam a redução da carga horária, a regulamentação do trabalho feminino e infantil e a promulgação de uma lei de proteção contra acidentes de trabalho. (...)” (BOMENY, et al., 2013, p. 239). Diante desse cenário temos os embriões do que porventura seriam chamados de sindicatos, que poderia ter por simples definição a de um grupo de trabalhadores que reivindicavam direitos para toda uma categoria, sendo que “(...) os trabalhadores criavam suas associações de classe, faziam boicotes, promoviam greves e campanhas contra a alta de preços, a falta de dinheiro, as condições abusivas de trabalho e a guerra. (...)” (BOMENY, et al., 2013, p.239).

Destaca-se o então Presidente Getúlio Vargas conhecido como o “pai dos pobres” e o “presidente dos trabalhadores” essas alcunhas se devem ao fato de que nesse período diversos foram os avanços, em especial no campo legislativo como exemplo a CLT - Consolidação das Leis do Trabalho e a Cartilha de Trabalho.

Por fim, o mercado de trabalho das mulheres há significativo desbalanceamento em relação aos homens mesmo nessa época sendo que “(...) mesmo com ocupações regulares aos homens e tão pesados quanto os deles nas lavouras e engenhos do nordeste, pois aravam, plantavam e limpavam os canaviais, recebe menos que eles (...) No final do século XIX, a mão de obra feminina era muito presente na tecelagem e confecção (...)” (BOMENY, et al., 2013, p. 242) durante as décadas seguintes o trabalho feminino sofreu poucas alterações no sentido de

equilíbrio de forças, embora com conquistas significativas no campo legislativo (férias, 13º salário e diminuição da jornada de trabalho). A posição na mulher no mercado de trabalho foi fragilizada em diversas ocasiões como por exemplo "(...) 1960, o marido podia impedir a esposa de ter um emprego caso considerasse que aquela atividade perturbava as obrigações da mulher em casa. O Código Civil de 1917 designava o marido como chefe de família e dava-lhe esse direito. (...)” (BOMENY, et al., 2013, p. 242). atualmente embora haja igualdade de direitos entre os homens e mulheres de acordo com a carta constitucional de 1988 e no Código Civil de 2002, de fato há um percurso considerável para atingir a igualdade material e não apenas a de direito.

Contudo, percebe-se que o Rincón aborda as questões enfrentadas pelos trabalhadores e a questão racial, e até a própria questão histórica do Brasil que neste sentido é marcada por muitas crueldades e lutas, tanto que ocorreram as conquistas de direitos, através de manifestações nas décadas de 20 e 30 e atualmente ainda precisa de diversas melhorias, pois ainda é gritante as desigualdades entre cargos, gêneros e raça dentro das intuições. O Brasil tem muitas lutas de melhorias trabalhistas para enfrentar e conquistar, para que a vida dos brasileiros como um todo possa melhorar e a educação de qualidade seja alcançada, independente da região, pode ser um passo importante, pois desde nova a criança já é trabalhada socialmente direta ou indiretamente para o mercado de trabalho, tanto que sempre é questionada sobre a profissão que quer seguir.

8 - QUESTÕES POLÍTICAS

As questões políticas, são ensinadas na disciplina de sociologia, justamente por envolver questões sociais e temas da Ciência Política, no qual ensinam aos alunos um pouco dos elementos políticos nos quais estão inseridos. O termo política é explicado, por diversos autores, entre eles está o conceito de Aristóteles, em seu livro “Política”, no qual relata que o homem é um animal político, a partir disso ele discorre que a cidade-estado existe por natureza e que ele tente a se agrupar em comunidades, por serem sociáveis formando assim a Pólis do qual deriva o termo política que é na realidade a boa administração da Pólis.

As questões políticas são apresentadas no rap, através da vivência e do conteúdo histórico. Um exemplo disso é a música “Brasil Colônia”, do Oriente, com Fábio Brazza, Sant, Sid e Gog, no qual é relacionado a época colonial com os tempos atuais, como é visado no início da música “Eis que surge a verdade/ Ei, até quando Brasil Colônia?” (NISSIN). A partir disso, relaciona-se trechos da música com a política aproximando os alunos e os fazendo perguntas para saber o que sabem e depois entrar com o conteúdo, como forma de diálogo. No trecho “Manda quem pode (...) Povo desunido numa guerra de partidos” (NISSIN), pode-se perguntar: O que o rapper quis dizer com “Manda quem pode”? E isso está relacionado ao autoritarismo? O que é poder? Como é a formação de um partido?

Quando o rapper apresenta o trecho “Manda quem pode”, passa uma visão autoritária, no que se estrutura a política. De acordo com Giddens o autoritarismo é quando algo não envolve o exercício de decisão do povo, sobre as questões fundamentais de uma sociedade. O poder pode ser definido como a capacidade, que os indivíduos ou grupos possuem para fazer valer seus próprios interesses (GIDDENS, 2008). O partido político envolve “(...) uma organização orientada para adquirir o controle legítimo do governo através de um processo eleitoral” (GIDDENS, 2008, p. 436).

A cidadania é definida no trecho “Oprimidos desde os portugueses e espanhóis/ Muitos contras, poucos prós, segue a conta pra nós” (BRAZZA, Fabio). A cidadania é a qualidade de cidadão e cidadão é o indivíduo que exerce os direitos civis e políticos de um Estado. (OLIVEIRA; COSTA, 2016). Ao longo dos anos tiveram vários tipos de cidadania, uma das primeiras formas de cidadania, que merece destaque foi a cidadania restrita, presente na Grécia antiga e em Roma, onde só os homens adultos, proprietários de terras a tinham. (OLIVEIRA; COSTA, 2016).

A monarquia pode ser tratada nos trechos “Aqui nunca houve independência/ E o povo pobre continua sendo escravo (...) Desde Dom Pedro Primeiro que o Brasil é terceiro mundo/ Desde Dom Pedro Segundo que ainda somos controlados por terceiros” (BRAZZA, Fabio). No qual pode ser questionado se estamos em uma república ou ainda em uma monarquia. A monarquia pode ser definida como uma estrutura comandada por uma única pessoa e que pode ser passado entre gerações. (GIDDENS, 2008). Já a República oposta a monarquia, ocorre a participação do povo no poder do Estado, no qual deve ocorrer eletividade e temporalidade, que seria governantes eleitos por tempo determinado; do qual afere-se a responsabilidade de prestar conta ao povo, no qual ocorre a presença dos três poderes, que são o Poder Legislativo, nos quais as leis são criadas, para todas as pessoas; o Poder Executivo, no qual se ocupa da gestão da administração pública; e o Poder Judiciário, no qual é exercida a jurisdição, ou seja, para aplicar o direito (JUNIOR; POGREBINSCHI, 2010).

Dentro da república brasileira está a democracia, que é o povo que governa, que envolve a participativa ou direta, no qual todos os sujeitos da ação, tomam a decisão, e tem a democracia representativa, no qual é eleito

uma pessoa, que toma as decisões (GIDDENS, 2008). Como está presente na carta constitucional de 1988, “Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos”.

Dessa forma, conclui-se que os temas políticos do País e do mundo podem ser tratados através da metodologia proposta no presente trabalho, ou seja, abordado através do Rap, não é novidade que tal gênero musical possui notoriedade em abordar tais temas, em especial as músicas abordadas que pincelam aspectos próprios do contexto político do País, seja tratando sobre a corrupção, seja tratando sobre o autoritarismo presente em diversas ocasiões no sistema político pátrio.

9 - RELIGIÃO

A religião está presente na vida das pessoas e suas crenças interferem nos seus atos e decisões. A religião é muito ampla, com isso ocorre uma dificuldade na sua definição (GIDDENS, 2001). Ela é composta pelo símbolo, mito, rito e doutrina no qual eles são interligados e o que faz uma pessoa seguir uma crença religiosa são suas experiências (CROATTO, 2010). “O objetivo da Sociologia da religião é compreender os efeitos sociais pertencimento religioso, ou seja, como os indivíduos se comportam e tomem decisões, baseados na sua crença específica, diante da realidade brasileira.” (OLIVEIRA, COSTA, 2016, p.306).

Nas músicas de rap, as religiões e o sincretismo religioso, aparecem com mais frequência do que se possa imaginar, um exemplo, é a música “Convoque seu Buba”, do Criolo, “Nin Jitsu, Oxalá, capoeira, jiu jitsu/ Shiva, Ganesha, Zé Pilin dai equilíbrio/ Ao trabalhador que corre atrás do pão/ É humilhação demais que não cabe nesse refrão”, que aborda diversas divindades e questões sociais, que envolve a vivência das pessoas. E outro exemplo é a música “Ogunhe” do Puro Suco.

Dios mio, ave maria/ A periferia é o terror do plano/ A fita é que a cidade é linda (...)/ Para que o mal não me pegue/ Pra que os olhos não me vejam/ Eu estou vestido com as roupas e as armas de Jorge/ Para que os inimigos tenham olhos e não me vejam/ Tenham braços e não me toquem/ Tenham pés, mas não me alcancem (...)/ Santo anjo do Senhor, meu zeloso e guardador/ Refresca quem muito se expressa pelo coração/ Oração de malandro é um rap de reza/ Para que o mal não me pegue/ Pra que os olhos não me vejam/ Não mexe com Filho de Ogum (...)/ Quem foi que desceu lá do céu de dragão? (...). (PURO SUCO)

A música demonstra de forma clara o sincretismo religioso do Brasil, “(...) o sincretismo se dá com o encontro entre negros africanos, índios nativos e brancos europeus” (OLIVEIRA; COSTA, 2016). Na música “Ogunhe”, já temos a palavra Ogunhe, que é a forma que as religiões afro-brasileiras saudam Ogum, que na Igreja Católica é São Jorge. A igreja católica em Portugal era algo muito voltado a símbolos, tanto que em diversos ambientes tinham santos e cruzes, mas no Brasil ele se torna catolicismo popular, pois era praticado por gentio, indígenas e escravos e acaba se mesclando com novas culturas, tanto que tem novos contornos e significados (MACEDO, 2008).

O candomblé mesmo é uma religião afro-brasileira, pois traz a junção de culturas africanas de diversas regiões, como os lorubás/Nagôs que eram mais numerosos, que se estabeleceu o culto dos orixás, e como na Nigéria e Daomé este culto era ligado as famílias e como no Brasil durante a escravidão rompia estes laços, com isso o terreiro se tornou a família de santo, no qual tem os filhos(as) de santo, mãe e pai de santo (DOMEZI, 2015).

A Umbanda começa no Rio de Janeiro, com o caboclo das Sete Encruzilhadas, no corpo de Zélio Morais, de acordo com Barros (2013) na gira umbandista tem elementos de diversas religiões, no “congá” (altar), tem imagem dos santos da igreja católica, orixás, budas, caboclo, ciganos, preto velho, entre outros, “(...) rezam-se padre-nossos, ave-marias e invocam-se os orixás e as “entidades” da umbanda; os espíritos “descem” nos iniciados por meio do transe, provocado pelo toque dos atabaques, cantigas (“pontos cantados”) e sinais cabalísticos desenhados no chão (“pontos riscados”)” (BARROS, 2013, p. 1).

Contudo, as músicas de rap mostram elementos do sincretismo religioso, que no Brasil tem uma grande força, até mesmo na educação e convívio social das crianças, na música “Convoque seu Buda”, do Criolo, temos em poucas linhas uma junção de crenças e religiosidade, e na música “Ogunhe”, do Puro Suco, o sincretismo religioso brasileiro com religiões modificadas e construídas através da cultura.

10 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo o trabalho mostra que o Rap pode ser inserido na didática da disciplina Sociologia, pois ele envolve assuntos ministrados nas aulas de sociologia. No qual pode ser passada a música, depois criar debates sobre a letra, para entender o senso comum dos alunos e trazer o conceito e a teoria, que são estabelecidos como formas de ensino da “Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Ciências Humanas e suas Tecnologias”.

Foram abordados os assuntos emblemáticos da sociologia através do Rap como metodologia, em especial gênero e sexualidade, trabalho, parentesco, família, religião, desigualdade social, estratificação raça entre outros. Pode ser aferir que através dos Rap tais assuntos podem ser abordados com profundidade e diálogo com diversas fontes dentro da sala de aula, criando a interação através de questionamentos sobre os temas considerados eixos da sociologia, inserindo o aluno nas questões e conscientizando sobre o seu papel dentro da sociedade.

Se por um lado alguns temas são tormentosos para serem tratados dentro da sala de aula por estarem impregnados de tabus como a sexualidade por outro os assuntos como racismo e estratificação social não podem ficar relegados ou preteridos dentro da sala de aula. Porquanto, aduz que tais temas podem ser tratados através de prosa e versos de um rap capazes de quebrar as barreiras próprias do ambiente acadêmico e até mesmo no ambiente ao redor do aluno. Interessante notar que o rap nos mais diversos casos consegue captar as vozes periféricas e trazer as questões como a perfilhagem racial tão imanente na sociedade contemporânea e tão sensível ao cotidiano do aluno, tornando de suma importância em sua formação acadêmica. A título de exemplo podemos citar a música tratada no capítulo racismo e estratificação social “Em qual mentira vou acreditar” dos Racionais MC’s do qual retrata a abordagem policial e a negação do agente policial em aceitar que a sua própria atitude é racista já que ele possui parente ao negro.

Por fim, o Rap não deve ser relegado apenas a um estilo musical periférico, mas sim pode ser tratado como um método eficaz de ensino dentro das salas de aulas que induz o indivíduo enquanto cidadão aos questionamentos mais pertinentes e importantes dentro da matéria de sociologia. O rap enquanto expressão social e artística deixa de ser coadjuvante e ganha protagonismo na sociedade conseguindo catalisar as diversas vozes contextualizando um meio democrático e justificando assim como método de ensino da sociologia.

REFERENCIAS

Apresentação. In: PEREIRA, Romero Simões. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio** - Parte IV Ciências Humanas e suas Tecnologia, p. 4. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/cienciah.pdf>>. Acesso em 05 de maio de 2022.

Ciências Humanas e suas Tecnologias. In: PEREIRA, Romero Simões. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio** - Parte IV Ciências Humanas e suas Tecnologia, p. 36-43. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/cienciah.pdf>>. Acesso em 05 de maio de 2022.

Secretaria de Educação Básica. Conhecimentos de Sociologia. In: **Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Ciências Humanas e suas Tecnologia**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, v. 3, 2006, p 101 - 133.

PNLD. Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=668&id%3D12391&option%3Dcom_contentview%3Darticle>. Acesso em 05 de maio de 2022.

GANHOR, João Paulo. **O Rap na Educação Científica e Tecnológica**. Bauru: Revista Ciência Educação, v. 25, n. 1, p. 163-180, 2019.

FERNANDES, Ana Claudia Florindo; MARTINS, Raquel; OLIVEIRA, Rosângela Paulino de. **Rap nacional: a juventude negra e a experiência poético-musical em sala de aula**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 64, p. 183-200, ago. 2016.

SANTANA, Ana Lucia. **Escritores da Liberdade**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/cinema/escritores-liberdade/>>. Acessado em 30 de junho de 2022.

DAYRELL, Juarez. **O rap e o funk na socialização da juventude**. São Paulo: Revista Educação e Pesquisa, v.28, n.1, p. 117-136, jan/jun. 2002.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. São Paulo: Revista Educação e Pesquisa, n. 24, p. 40 – 52, set/dez. 2003.

FUKS, Rebeca. Filme Escritores da liberdade: resumo e análise completa. Disponível em: <<https://www.culturagenial.com/filme-escritores-da-liberdade/>>. Acessado em 30 de junho de 2022.

Oliveira, Luiz Fernandes de; COSTA, Ricardo Cesar da. Capítulo 3 – “O que se vê mais, o jogo ou o jogador?” Indivíduos e Instituições Sociais. In: **Sociologia para Jovens do Século XXI**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 4 ed, 2016, p. 37 – 53.

SANT. O Que Separa Os Homens Dos Meninos. In: **Letras**. 2015. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/sant/o-que-separa-os-homens-dos-meninos/>>. Acessado em: 16 de julho de 2022.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian Serviço de Educação e Bolsas, v. 6, 2008

BRITO, Laura Souza Lima e. **Família e Parentesco: direito e antropologia**. São Paulo: Red GV, v. 01, n. 03, p. 076 – 092, jul. 2013.

VARGAS, Michely de Lima Ferreira. **Aportes das ciências sociais e humanas sobre família e parentesco: contribuições para a Estratégia Saúde da Família**. Rio de Janeiro: Manguinhos, v. 28, n. 2, p. 351 – 374, abr/jun. 2021.

SCAVONE, Lucila. “A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais”. In: **Cadernos Pagu 16**, 2001, p.137-150.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal; MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza. **Avanços e Retrocessos da Educação Sexual no Brasil: Apontamentos a partir da Eleição Presidencial de 2018**. São Paulo: Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação (RIAAEE), v. 14, n. 2, p. 1254-1264, jul. 2019.

Oliveira, Luiz Fernandes de; COSTA, Ricardo Cesar da. Capítulo 22 – “Lugar de mulher é onde ela quiser?” Relações de gênero e dominação masculina no mundo de hoje. In: **Sociologia para Jovens do Século XXI**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 4 ed, 2016, p. 338-358.

Oliveira, Luiz Fernandes de; COSTA, Ricardo Cesar da. Capítulo 23 – “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é.” Debatendo a diversidade sexual e de gênero. In: **Sociologia para Jovens do Século XXI**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 4 ed, 2016, p. 359 – 374.

TRIZ. Elevação Mental. In: **Letras**. 2017. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/pineapple/poetisas-no-topo-2.html>>. Acesso em 21 de maio de 2022.

O que significa LGBTQIAPN+?. **Orientando**. Disponível em: <<https://orientando.org/o-que-significa-lgbtqiap/>>. Acesso em: 21 de maio de 2022.

ONU lembra Dia Internacional contra a Homofobia e a Transfobia; veja principais ações no Brasil. **ONU Mulheres Brasil**. 2016. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/noticias/onu-lembra-dia-internacional-contra-a-homofobia-e-a-transfobia-veja-principais-acoes-no-brasil/>>. Acesso em: 21 de maio de 2022.

STEFANIE; CYNTHIA LUZ; WINNIT; EBONY; LOURENA; KMILA CDD. Poetisas no Topo 2. In: **Vagalume**. 2019. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/pineapple/poetisas-no-topo-2.html>>. Acesso em: 28 de maio de 2022.

BOMENY, Helena; et. al. Capítulo 15: Quem faz e como se faz o Brasil?. In: **Tempos Modernos, Tempos de Sociologia**. São Paulo: Editora do Brasil, 2013. p.234 – 251.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação Sexual: como ensinar no espaço da escola In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (ORG.). **Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009, p. 141 - 171.

EMICIDA. Boa Esperança. In: **Letras**. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/emicida/boa-esperanca/>>. Acesso em: 04 de junho de 2022.

LIMA, Antonio Carlos de Souza; CASTILHO, Sergio Ricardo Rodrigues. Capítulo 11 Grupos étnicos e etnicidades. In: MORAIS, Amaury César (ORG.). **Coleção Explorando o Ensino - Sociologia: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, v. 15, 2010, p. 231 – 248.

Consciência Negra: apenas 34% dos alunos de ensino superior são negros no Brasil. UFJF. 2017. Disponível em: <<https://www2.ufjf.br/noticias/2017/11/20/consciencia-negra-apenas-34-dos-alunos-de-ensino-superior-sao-negros-no-brasil/>>. Acesso em: 04 de junho de 2022.

Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. In: **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Disponível em: <<https://ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html?=&t=resultados>>. Acesso em: 16 de julho de 2022.

RACIONAIS MC'S. Em Qual Mentira Vou Acreditar?. In: **Letras**. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/racionais-mcs/63444/>>. Acesso em: 18 de junho de 2022.

CESAR, Daniel. Jovem negro foi abordado pela PM de São Paulo e teve de provar que era dono da própria bike. **Diário do Centro do Mundo**. Julho de 2021. Disponível em: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/jovem-negro-foi-abordado-pela-pm-de-sao-paulo-e-teve-de-provar-que-era-dono-da-propria-bike/>>. Acesso em: 18 de junho de 2022.

RACIONAIS MC'S. Eu Compro. In: **Letras**. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/racionais-mcs/eu-compro/>>. Acesso em: 18 de junho de 2022.

PIMENTA, Melissa de Mattos. Capítulo 7 - Diferença e desigualdade. In: MORAIS, Amaury César (ORG.). **Coleção Explorando o Ensino - Sociologia: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, v. 15, 2010, p. 139 – 162.

DELGADO, Mauricio Godinho. **Curso de Direito do Trabalho**. São Paulo: LTr, ed. 16, 2017.

Oliveira, Luiz Fernandes de; COSTA, Ricardo Cesar da. Capítulo 8 – “Ganhava a vida com muito suor e mesmo assim não podia ser pior”. O trabalho e as desigualdades sociais na História das sociedades. In: **Sociologia para Jovens do Século XXI**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 4 ed, 2016, p. 100 – 118.

RICON. Andar com fé. In: **Vagalume**. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/rincon-sapiencia/andar-com-fe.html>>. Acesso em: 09 de julho de 2022.

BRAZZA, Fábio; SANT; SID; GOG. In: **Letras**. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/oriente/brasil-colonia-part-fabio-brazza-sant-sid-e-gog/>>. Acesso em: 10 de maio de 2022.

Oliveira, Luiz Fernandes de; COSTA, Ricardo Cesar da. Capítulo 13 – “É de papel ou é pra valer?” Cidadania e direitos no mundo e no Brasil contemporâneo. In: **Sociologia para Jovens do Século XXI**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 4 ed, 2016, p. 180 – 195.

JÚNIOR, João Feres; POGREBINSCHI, Thamy. Capítulo 12 - Democracia, Cidadania e Justiça. In: MORAIS, Amaury César (ORG.). **Coleção Explorando o Ensino - Sociologia: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, v. 15, 2010, p. 249 – 266.

BRASIL. Constituição Federal de 1988.

CRIOLO. Convoque Seu Buda. In: **Letras**. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/criolo/convoque-seu-buda/>>. Acesso em: 16 de julho de 2022.

PURO SUCO. Ogunhê. In: **Letras**. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/puro-suco/ogunhe/>>. Acesso em: 23 de julho de 2022.

CROATTO, José Severino. A Experiência Religiosa. In: **As Linguagens as Experiência Religiosa**. São Paulo : Paulinas, 2010, p. 41 – 79.

Oliveira, Luiz Fernandes de; COSTA, Ricardo Cesar da. Capítulo 20- “A gente não quer só comida...” Religiosidade e juventude no século XXI. In: **Sociologia para Jovens do Século XXI**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 4 ed, 2016, p. 304-316.

MACEDO, Emiliano Unzer. **Religiosidade popular brasileira colonial: um retrato sincrético**. Vitória: Revista Ágora, n. 7, p.1-20., 2008.

DOMEZI, Maria Cecília. Religião Recriada. In: **Religiões na História do Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 107 – 125.

BARROS, Sullivan Charles. **As Entidades 'Brasileiras' da Umbanda e as faces Inconfessas do Brasil**. In: XXVII Simpósio Nacional de História - Conhecimento histórico e diálogo social. Natal: ANPUH BRASIL p. 1- 16, jul. 2013.